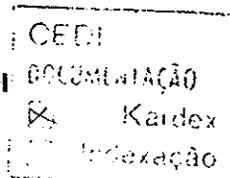


CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL



ANTROPOLOGIA N.º 40 JULHO, 15, 1969

**OS ÍNDIOS DA REGIÃO DO UAÇÁ (OIAPOQUE) E A
PROTEÇÃO OFICIAL BRASILEIRA (*)**

EXPEDITO ARNAUD (**)
Museu Goeldi

INTRODUÇÃO

As referências sobre os antepassados dos índios aqui abordados (Palikúr, Galibí e Karipúna) começaram a surgir desde a época dos descobrimentos. Os Palikúr (*Aruak*) são dentre eles os que ainda melhor conservam as características tribais. A partir de quando identificados por Vicente Pinzon, em meados do século XVIII, ocupavam a região costeira ("Cofta Paricuria") situada ao norte da foz do rio Amazonas (Brasil-Tratados, 1899, anexo : mapas 1-3-4). Em seguida foram habitar entre o Curipi e o Calçoene (ibid : mapa 19) bem como no alto Uaçá e Urucauá (Coudreau, 1886/7, 2 : 430), sendo que, sua presença apenas neste último rio, passa a ser mencionada já em fins do século XIX (id., 1893 : 377-79).

Os Galibí não possuem mais nenhuma afinidade com os índios de igual denominação existentes no Suriname, Guiana Francesa e margem direita do baixo Oiapoque (Arnaud, 1966 : 1-3). Foram formados basicamente, pela junção de elementos dessa unidade *Karib* com Maraón e Aruán, pro-

(*) — Na elaboração deste trabalho, além da bibliografia citada, aplicamos dados existentes no arquivo da 2.ª Inspeção Regional do S.P.I. (Belém-Pará) e parte do material colhido no decorrer de três pesquisas de campo que realizamos entre 1964 e 1967.

(**) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

vavelmente *Aruak* (1), havendo também influído em sua constituição *Sakáka*, *Itután* (2), negros da Guiana Francesa (crioulos), chineses, árabes e europeus (*Nimuendaju*, 1926 : 113). Os *Maraón* podem ser considerados como os mais antigos no Uaçá, pois foram aí encontrados em 1596 por Lawrence Keymis (*ibid.* : 7-8). Os *Aruán* procederam das ilhas situadas na foz do Amazonas (*Marajó*, *Maracá*, etc.) tendo chegado à citada região em pequenos grupos possivelmente no fim do século XVIII (*ibid.* : 112). Quanto aos *Galibí* propriamente ditos, as fontes que pudemos consultar nada esclarecem a respeito de sua migração. *Coudreau* (1893 : 337), por exemplo, quando se ocupa da viagem que realizou pelo Uaçá, refere-se somente aos *Aruán*. *Nimuendaju* (1926 : 112), por sua vez, “estranha que nenhum autor fale sobre a existência de *Galibí* à margem direita do *Oiapoque*”. Presume, no entanto, terem eles imigrado posteriormente aos *Aruak*, talvez do *Maroni* ou da *Missão do Ouanari*, ou poderiam ser “índios que falavam pelo menos o dialeto *Galibí*, então a língua geral da Guiana Francesa” (*ibid.*). Presentemente, os mais velhos informantes do grupo com quem estivemos em contato, apenas esclareceram que, quando vieram do norte, travaram dois combates com os *Palikúr*, seus tradicionais inimigos, antes de se juntarem aos *Maraón* e *Aruán* (3).

Os *Karipúna*, conforme eles próprios relatam, foram originados por elementos que falavam a língua geral da Amazônia (*Tupí*), imigrados do estreito de *Breves* (*Pará*) em consequência da revolução da *Cabanagem* ocorrida na década de 1830. Inicialmente, estabeleceram-se no rio *Ouanari* (*Guiana Francesa*), havendo logo em seguida atravessado para a margem direita do *Oiapoque* indo habitar no alto *Curipi*. Porém, tendo sido vítimas de uma epidemia de sarampo que lhes causou grande mortandade, mudaram-se para o curso médio do último rio onde ainda hoje se encontram. De igual modo como ocorrera na formação do grupo do Uaçá, vieram se introduzir entre eles indivíduos de

várias origens, como sejam, Palikúr, Galibí, crioulos, árabes, chineses, europeus e brasileiros. Ao ocupar-se da citada população Coudreau (1893 : 337) diz que a mesma era formada principalmente por “brasileiros refugiados”. Porém, trata também seus componentes como Karipúna, acrescentando que eles falavam um dialeto da “família Oyampi” e habitavam não só no Curipi como no baixo Oiapoque (ibid.). Nimuendaju (1926 : 125) os mencionou apenas como “brasileiros do Curipi”, esclarecendo que, na Guiana, aplicavam a denominação Karipúna não a uma tribo mas a “uma língua geral do Brasil” e que eram provavelmente assim chamados, no Pará, os Tupinambá “antes da conquista” (ibid. : 14). De qualquer forma, os componentes do grupo em questão, hoje se identificam como Karipúna e são reconhecidos como tal pelas populações regionais de ambas as margens do Oiapoque.

Quando os portugueses iniciaram a conquista do Amazonas, no primeiro quartel do século XVII, os índios que habitavam desde seu estuário até às Guianas já mantinham com os franceses, ingleses e holandeses, relações de natureza comercial, as quais permaneceram bastantes ativas até por volta da terceira década do século seguinte. Os Palikúr eram então mencionados como amigos dos franceses (“amis de François”) (Brasil, Tratados, anexo : mapa 19), tendo sido talvez por tal circunstância hostilizados e capturados como escravos pelos portugueses (ibid., 4 : anexo 34 : 240). Os Aruán, por sua vez, juntamente com outros índios que habitavam no aludido estuário, participavam dos ataques realizados por aqueles europeus, a quem estavam aliados, contra os redutos portugueses (ibid. : anexo A, 14). Estes, em contraposição, na medida de sua expansão para o Norte, foram destruindo as aldeias indígenas sob influência francesa sobretudo ao findar o século XVIII (Nimuendaju, 1926 : 112). Tais acontecimentos ainda agora são recordados tanto pelos Palikúr como pelos Galibí do Uaçá.

A predominância francesa no Oiapoque, todavia, persistiu até 1900 quando, o denominado “território contestado”, passou a pertencer definitivamente ao Brasil em virtude de sentença do governo suíço (4). Por exemplo, a catequese católica que havia sido interrompida em 1764, em virtude da expulsão dos jesuítas pelo governo francês (Coudreau, 1886/7, 1 : 24), voltara a se processar através de missionários da mesma procedência, os quais, conforme a memória indígena, costumavam percorrer as aldeias do Uaçá. Após a descoberta de ouro no rio Aprouague (Guiana Francesa), em 1854, por um brasileiro de nome Paulino, passaram a afluir também para o Oiapoque e Uaçá, com idêntico objetivo, “coolies, negros, chineses, martiniquenses e a fina flôr dos aventureiros franceses” (ibid. : 60-61). Segundo ainda o mesmo autor (1893 : 377-78), os Palikúr e os Aruán se apresentavam então inteiramente vestidos ou pela metade e eram “quase tão civilizados como os crioulos”, sobretudo os Aruán. A farinha de mandioca, seu principal produto, costumavam vender em Caiena, onde os homens adquiriam preferencialmente munições e as mulheres contas (ibid.). No Uaçá todos os índios já falavam o crioulo (5), mas eram raros os que conheciam tal dialeto entre os Palikúr (ibid.).

Nimuendaju (1926 : 16), de igual modo, fala nas constantes relações que haviam entre a população da Guiana Francesa e os índios do Uaçá. Acrescenta que, nesta região, se encontravam estabelecidos comerciantes daquela procedência, entre eles alguns chineses, ao mesmo tempo que regatões percorriam as aldeias para “trocar mercadorias européias por farinha de mandioca e pranchas de madeira” (ibid.). Um informante Karipúna também nos esclareceu, que os “velhos falavam” a respeito da existência no rio Curipi de casas comerciais de crioulos, as quais possuíam variado sortimento de mercadorias, incluindo armas de fogo, máquinas de costura movidas à mão e bebidas alcoólicas de várias procedências. Seus antepassados, nos domingos, costumavam se reunir para comer e beber à farta (6).

Os Palikúr, tão logo findou o contestado, com exceção de uma família (a do “capitão Augusto Flote”), atendendo a chamado ao governo francês, em número de 200, foram se localizar no “Crique Marouan” sob a chefia do *capitão* de nome Rousseau (Nimuendaju, 1926 : 16). Porém, tendo sofrido significativas baixas motivadas por gripe e malária, já com “a tradição tribal modificada por influência crioula”, com exceção de 58 vieram retornando gradativamente para o Urucauá (ibid.). Acontece que, durante êsse tempo, as autoridades brasileiras haviam desalojado os comerciantes guianenses do Uaçá, eliminando “outros tipos de relações” entre os índios e os crioulos, sem substituí-las por atividades semelhantes e, em consequência, os Palikúr encontraram a região “triste e tranquila” (ibid. : 17). Por outro lado, os fiscais brasileiros do Oiapoque tratavam os índios rispida-mente, inclusive sob pretexto de não falarem o português. Impunham preços nos seus gêneros e, quando êles preferiam ir negociar com crioulos, eram chamados contrabandistas (ibid.). Os batizados dos índios continuavam sendo realizados quase todos na cidade de Saint George, à margem esquerda do Oiapoque. E, 20 anos após o término do contestado, o *capitão* Palikúr permanecia usando uma farda conforme o modelo francês (ibid. : 84-104). Segundo também nos revelou o líder Karipúna Manuel Primo dos Santos (7), os Palikúr nessa fase guardavam ainda forte aversão contra os portugueses. De uma feita, tentaram atacar a flechas alguns soldados do contingente brasileiro do Oiapoque, que penetraram no Urucauá a fim de aprisionar um crioulo, na suposição de que fôsem daquela nacionalidade, só não havendo feito graças a intervenção do pai do informante que era francês.

No que respeita à cultura e organização social dos grupos em apreciação, pela década de 1920, tendo como base referências extraídas da monografia de Nimuendaju (1926), complementadas por informações obtidas pessoalmente, apresentamos o seguinte esboço : habitações de plano retangular

com cobertura de palha de duas águas, com ou sem tacaniças, de chão ou assoalhadas toscamente com tábuas ou paxiúba. Ausência de rêdes e dormida em esteiras de junco ou de palha. Uso de roupas por ambos os sexos e, somente pelos homens, de uma espécie de tanga denominada calimbé igual a dos negros da Guiana Francesa. Ornatos de penas para cabeça em forma de coroa ("coruna") e também com penachos assentados em base rígida de cipó. Mutilação dos dentes incisivos. Uso de mosquiteiros de pano, generalizado entre os Karipúna, raro entre os Palikúr e Galibí. Cestaria de trançado sobreposto (*plaited*) e em espiral (*coiled*). Cerâmica simples e decorada mas restrita aos Palikúr. Pequenas canoas de um só tronco e, somente entre os Galibí, também de maiores dimensões com falcas e cavernas. Emprêgo do arco e da flecha sobretudo na pesca, de espingardas tipo cartucheira na caça e de instrumentos de ferro (machados, terçados, facas, picaretas, etc.) na lavoura. Equipamento para processamento da mandioca composto de ralos de madeira com identificação de ferro, de tipitis (aplicados através de um sistema de alavanca), cochos de madeira e fornos, iguais aos dos crioulos, com base de ferro fundido contendo bordas de madeira, ou inteiramente de barro entre os Palikúr. Economia baseada na horticultura e na pesca, suplementada pela caça e coleta, aparecendo a farinha de mandioca como o principal produto entre os excedentes comerciáveis. Existência de plantas adquiridas através de contatos externos (café, laranja, manga, etc.). Aplicação do sal e da pimenta como condimentos. Uso do fumo, caxiri e bebidas alcoólicas importadas. Organização baseada em clãs patrilineares exogâmicos, possivelmente divididos em metades, entre os Palikúr; predominância de famílias extensas matrilocais entre os Galibí; e de famílias simples entre os Karipúna. Emprêgo do instrumento de tortura denominado "tronco", uma provável influência da escravidão negra, entre os Galibí e Karipúna mas já caindo em desuso. Cerimonial denominado *festa do turé* . Xama-

nismo bastante desenvolvido. Influência da religião católica romana. Conservação da língua original pelos Palikúr e abandono completo pelos Galibí e Karipúna, os quais adotaram o dialeto crioulo (*patois*) da Guiana Francesa como língua usual.

O TERRITÓRIO E A POPULAÇÃO ATUAL

O rio Uaçá corre, aproximadamente, em direção Sul-Norte entre o Oiapoque e o Cassiporé (cf. mapa), recebe como principal afluente o Urucauá e o Curipi, ambos pela margem esquerda, e vai desembocar no Oceano Atlântico em junção de águas com o Oiapoque. As terras que formam sua bacia, desde o estuário até os cursos médios dos rios, são caracterizadas por florestas de várzea. Em seguida surgem os campos de várzea intercalados por tesos cobertos de mata e diques marginais com vegetação pouco densa, existindo entre o médio e o alto Uaçá um trecho de campo firme. A partir do médio Curipi até suas cabeceiras, no alto Urucauá e alto Uaçá ocorrem florestas de terra firme. Entre o Urucauá e o Curipi destacam-se como principais elevações os montes Cajari e Carupina e, entre o Urucauá e o Uaçá, o monte Tipok.

O fenômeno denominado pororoca faz sentir seus efeitos até a confluência do Uaçá com o Curipi. Chuvas abundantes ocorrem em toda a região, comumente de janeiro a julho quando embarcações de calado médio conseguem navegar até o início dos perímetros encachoeirados situados no alto dos rios. Segue-se um período de estio durante o qual a correnteza fluvial vai sendo gradativamente sobrepujada pela do oceano, ficando as águas então, além de salobras, extremamente lodosas, até os cursos médios dos rios. Em consequência do acúmulo de sedimentação, originada pelo desvio da corrente do rio Amazonas, o baixo Uaçá fica extremamente raso só possibilitando a navegação sem embarços com a maré alta. No seu curso médio e de seus afluentes, torna-se também difícil viajar em vista da exis-

tência de numerosos barrancos (8), os quais se desprendem das margens e passam a flutuar ao sabor da correnteza obstruindo a passagem nos trechos mais estreitos. Pelos campos alagadiços, o trânsito só pode ser feito em pequenas canoas impelidas à vara (*takari*) (9), ou sobre troncos de árvores quando desaparecem os sulcos de água e o solo fica atoladiço.

A ocorrência de peixes, tracajás, jacarés e aves aquáticas é mais significativa no trecho campestre, onde também há grande quantidade de ratos silvestres e carapanãs (muriçoca), êstes no início das cheias e principalmente durante o escoamento das águas. A caça, embora sem tanta fartura como o pescado, existe em tôda a região, sendo que, na época das chuvas, os animais procuram refúgio nos tesos e matas situadas nas cabeceiras dos rios.

No ambiente acima descrito, embora sem definição legal, um território com mais ou menos 3 000 km² (10), correspondendo à oitava parte do Município do Oiapoque, cuja superfície é de 24 912 km² (11), é utilizado presentemente pelos grupos indígenas aqui apreciados, cuja população total é de 1 132 indivíduos (12). Os Palikúr com 263, sendo 134 do sexo masculino (67 maiores de 15 anos e 67 menores) e 129 do sexo feminino (63 maiores e 66 menores), estão situados no rio Urucauá, ou seja, nos tesos Kunaen, Kuykiti, Manga, Kajari, Ukupi, Tupay e Flechas, bem como disseminados pelas margens do rio. Os Galibí com 460, sendo 251 do sexo masculino (112 maiores de 15 anos e 139 menores) e 209 do sexo feminino (103 maiores e 106 menores), habitam no rio Uacá, em sua quase totalidade na "Vila Kumaruman" e os restantes nos lugares denominados Arampuku, Biscote e Inajá. Os Karipúna com 439, sendo 240 do sexo masculino (143 maiores de 15 anos e 97 menores) e 199 do sexo feminino (106 maiores e 93 menores), estão localizados no rio Curipi, sobretudo nas "Vilas" Espírito Santo e Santa Isabel (antiga Barracão), achando-se os demais divididos pelos sítios Taminan, Bovi, Popota, Inglês,

Cemitério, Campo Grande e Açazal (13). Além dessas populações, encontra-se no território tribal um Pôsto Indígena de Nacionalização, Assistência e Educação (P.I.N.) instalado em 1942 na confluência do Uaçá com o Curipi (14), cujos funcionários com as respectivas famílias somam mais ou menos 25 pessoas. Na área dos Galibí, desde 1962, acha-se estabelecida uma fazenda de bubalinos pertencente à Colônia Militar do Oiapoque, com uma guarnição composta de 1 sargento e 5 soldados, dentre os quais alguns possuem famílias.

Fora dos limites acima, ou seja, em aproximadamente 22 000 km² do Município do Oiapoque habitam apenas 4 111 indivíduos, sendo 1 157 em Clevelândia do Norte (Sede da Colônia Militar), 729 na Cidade do Oiapoque (ex-Martinique e Vila Espírito Santo), 202 em Vila Velha (Cassiporé), ? em Ponta dos Índios (ex-Demonty) e espalhados pelas margens do Oiapoque e Cassiporé (15). No lado francês a população regional, que é formada na quase totalidade por crioulos, habita na Cidade de Saint George (350 hab.), Vila Tampak (45 hab.), rio Ouanari e adjacências (16). O contingente indígena, que é representado por Palikúr, no total de 100 indivíduos (Audrev, 1963 : 71), divide-se entre dois grupos-locais situados à margem do baixo Oiapoque e no Ouanari.

A comunicação do Município do Oiapoque com Macapá (capital do Território do Amapá), Belém do Pará e portos intermediários, via marítima é feita por intermédio de barcos-motores e canoas à vela. Via aérea por aparelhos da empresa Cruzeiro do Sul S.A. (uma vez por semana) e da Força Aérea Brasileira (FAB). Está sendo aberta uma estrada de rodagem entre o Oiapoque o rio Cunani, a qual deverá atravessar a área indígena do Uaçá. Existe uma agência de correio na cidade do Oiapoque e estações rádio-telegráficas na Prefeitura Municipal e Colônia Militar. A instrução primária é proporcionada pelo governo do Território e a secundária passou a ocorrer, a partir de 1966,

através de uma missão católica estabelecida na Cidade do Oiapoque. A assistência nesta cidade é ministrada por um pòsto de enfermagem, sendo que, o único médico existente na região pertence à Colônia Militar.

A PROTEÇÃO OFICIAL

A atuação do governo brasileiro junto aos índios do Uacá, tendo em vista sobretudo sua incorporação à nossa sociedade, foi iniciada por volta de 1930. Aqui a dividimos em dois períodos distintos. O primeiro compreendido desde o citado ano até fins de 1941, quando foi fundado o P.I.N na confluência do Uacá com o Curipi. O segundo a partir de então até 1967, porém, apreciado através de três fases administrativas diferentes: a primeira ocorrida de 1942 a 1950; a segunda de 1951 a 1957; e a terceira de 1958 a 1967.

No primeiro período (1930-1941) tal atuação ocorre de modo superficial, embora já exercendo uma certa influência sobre a vida dos grupos indígenas. O S.P.I. (17) iniciou suas atividades, logo em 1930, mas apenas por intermédio de um Delegado (18). O governo do Estado do Pará, por sua vez, instalou em 1934 uma escola no âmbito de cada grupo tribal. E a Inspetoria Especial de Fronteiras enviou, em 1936, um emissário ao Uacá (major Luiz Thomaz Reis) para verificar a possibilidade de reunir os índios em uma única povoação e aproveitamento deles como guardas de fronteira.

O S.P.I. não desenvolveu nenhum programa assistencial, havendo o Delegado, conforme os dados que pudemos consultar, exercido suas prerrogativas atuando como intermediário nas transações comerciais dos índios com *civilizados*, ou interferindo na organização interna dos grupos. Na primeira das circunstâncias, o citado funcionário teve vários atritos com comerciantes regionais, porque se de um lado êle justificava a atitude como necessária para evitar que os índios fòssem explorados, de outro, aquêles já alegavam que isso era feito em proveito próprio, "pois adquiria dos índios as mercadorias a preços baixos e as vendia por preço

maior" (Reis, 1936). Na segunda, pelo menos em um caso, relacionado a designação de novos chefes entre os Galibí, provocou uma cisão, pois, o *capitão* destituído, retirou-se do antigo núcleo ("Vila Santa Maria dos Galibís") acompanhado de vários elementos; os dois novos chefes (um *major* e um *tenente*) juntamente com seus partidários, foram se estabelecer algures; e um pequeno grupo permaneceu na citada vila (ibid.) (19).

Quanto às escolas estaduais, Reis (1936) registra a existência de 57 alunos Karipúna, 39 Galibí e 31 Palikúr, manifestando também seu entusiasmo por haver presenciado os alunos dos dois primeiros grupos cantar o Hino Brasileiro. Todavia, essas escolas tiveram curta duração, pois, em 1937, tinham encerrado as atividades.

Em cumprimento à missão de que foi incumbido, Reis (1936) percorreu tôdas as aldeias, efetuou levantamentos populacionais, entrevistou índios e observou detalhadamente a área tribal. Em seu relatório emitiu, entre outras, as seguintes considerações:

...os Caripunas embora vestidos, asseados, desembaraçados no trato conosco são ainda índios, pela inexperiência que têm de nossa civilização e pela ingenuidade natural devida à sua educação;

...os Galibís são como os demais da região de savanas, ordeiros e pacíficos, vivendo satisfeitos e não desejando alterações quando ao seu modo de vida;

...a gente Palicura encontra-se em estado de educação muito atrasada, ainda com hábitos quasi primitivos, usando muito urucu, pouca roupa, não abandonando suas flechas e temendo ainda a escravidão (20).

Finalmente, tomando como base não só a situação acima descrita como o pronunciamento contrário dos índios, foi de parecer que eles não estavam "em condições de serem utilizados como guardas de nossas fronteiras excepto nas suas próprias terras". Julgou também "inexequível sua locação em um só núcleo: 1º pela natureza da região cada ilha não comportando um grande número de habitações e roças; 2º pela incompatibilidade de tribus e consequentes interesses" (ibid.).

Entrementes, começam a se intensificar as penetrações no território indígena com finalidades econômicas. Em 1932, foi instalada por um brasileiro, no rio Curipi, uma usina para extração de óleo de pau-rosa, havendo ocorrido a participação dos Karipúna como cortadores de madeira e canoiteiros. Tal atividade, no entanto, só perdurou até 1935 quando se esgotaram praticamente as reservas da mencionada espécie aí existentes. Ao mesmo tempo, novas explorações auríferas são feitas no Oiapoque e no Uacá, principalmente por crioulos, mediante salvos-condutos fornecidos pelo cônsul brasileiro de Caiena e licença da autoridade fiscal do Oiapoque (Reis, 1936). Em consequência, regatões árabes, chineses, crioulos e brasileiros passaram a percorrer a região a fim de negociar com os garimpeiros (21).

A participação dos índios do Uacá nessas explorações, diretamente ou em atividades complementares, segundo velhos informantes, foi mínima e geralmente durante curto espaço de tempo: uns por não se haverem adaptado aos trabalhos de mineração; outros por julgarem insuficiente o salário que era comumente pago pelos empresários (22). Todavia, sua produção excedente constituída principalmente pela farinha de mandioca e pirarucu salgado, passou a ser intensamente procurada pelos comerciantes para abastecimento dos garimpos, a ponto de haver ocorrido os atritos anteriormente apreciados. Acontece que, pelo menos no âmbito dos Galibí, as condições de vida eram precárias, pois, conforme nos informou o líder Manuel Primo dos Santos, que então os visitou, entre eles os pais costumavam permitir a estranhos ter relações sexuais com as filhas para obtenção de roupas, ferramentas, etc. por não produzirem o necessário para adquirí-las (23). Reis (1936) registra igualmente ter encontrado alguns aventureiros vivendo com mulheres Galibí e acrescenta, que, *duas moças menores*, lhe afirmaram haver sido *negociadas* para dois estrangeiros que operavam no Cassiporé e Vila Tampak (Guiana Francesa).

O segundo período (1942-1967) começa em uma época

que os problemas assistenciais eram enfrentados de modo eficiente pela 2ª Inspetoria Regional do S.P.I. Assim sendo, para os índios do Uaçá, além do P.I.N anteriormente aludido, foi criada uma Ajudância na antiga Vila Espírito Santo (Cidade do Oiapoque) a fim de superintender a execução dos trabalhos (24).

Na primeira fase administrativa (1942-1950), desde cedo uma série de planos foram elaborados tendo em vista os seguintes objetivos: desenvolvimento da lavoura e da pesca mediante a introdução de novos cultivos e técnicas (25); estabelecimento da pecuária e de indústrias, estas sobretudo com a finalidade de tornar o Pôsto auto-suficiente; fundação de um entreposto comercial para transacionar com os índios; e prestação de assistência sanitária e escolar. Tais planos foram sendo colocados em prática na medida da liberação de recursos materiais e disponibilidade de pessoal. Estas, porém, segundo Fernandes (1944) sempre estiveram aquém das reais necessidades administrativas (26).

No que respeita ao desenvolvimento agrícola, uma das tentativas consistiu em fazer os índios ampliar as lavouras de mandioca brava (sua principal cultura), que eram então insuficientes em alguns casos, inclusive para o próprio consumo, havendo o Agente alcançado êxito, embora que, inicialmente, tivesse de incentivá-los através de prêmios consistindo de espingardas e utensílios domésticos (27). A outra tentativa teve como escopo a introdução do cultivo do arroz, visando sua aplicação na dieta indígena e a venda dos excedentes em Espírito Santo e Clevelândia onde o produto era totalmente importado. Acontece que, nas duas primeiras experiências realizadas pelo Pôsto, tanto na várzea como na terra firme, se fêz sentir a ação destruidora dos ratos silvestres. Na primeira devoraram os grãos tão logo foram semeados e, na segunda, destruíram as plantações em pleno desenvolvimento, pois, quando isso ocorria, já estando os campos submersos encontravam-se refugiados nos tesos. Subseqüentemente, com a aplicação na várzea de um processo

consistindo na disseminação de grãos envenenados para provocar grande mortandade desses roedores, antes da semeadura definitiva, algumas colheitas razoáveis puderam ser obtidas. Uma parte de cada passou a ser proporcionada aos índios, os quais, no entanto, pouco se interessaram no produto como alimento e em nenhuma oportunidade se aventuraram a plantá-lo. Tal cultivo antes de findar a década de 1940 foi abandonado pela administração que, daí em diante, não tomou mais nenhuma iniciativa de idêntica natureza. Em consequência, os dois índios Galibí e Karipúna que então já haviam se formado como técnicos agrícolas não puderam ser utilizados (28).

Na pesca foi encetada uma campanha intensa contra o uso do timbó que era muito usado pelos índios para tal fim, tanto quanto o complexo arco-flecha e anzóis de aço. Em contraposição, procurou o Agente difundir o emprêgo de rêdes de malha, porém, dada a abundância de piranhas tal coisa mostrou-se ineficaz, sendo que, apenas a tarrafa, pôde ser utilizada no baixo Uaçá, ou seja, distante das aldeias. Em vista do exposto, de igual forma como no caso da agricultura, os rapazes que cursaram a escola de pesca não chegaram a ser aplicados para ensinar, no âmbito dos respectivos grupos, as técnicas relativas à confecção desses implementos.

Todavia, a pesca do jacaré, mediante o emprêgo do arpão de aço, foi facilmente introduzida entre os índios que já utilizavam tal arma na pesca do pirarucu. Tendo isso começado por volta de 1944, quando alcançava bom preço a pele desse sáurio e baixava o da farinha em face a quase extinção da garimpagem, a maioria dos homens dos três grupos passou a dedicar-se intensamente ao nôvo mister (29). Porém, as pescarias desde o início ocorreram de forma indiscriminada, não sendo poupados os filhotes nem os ovos que eram colhidos para a alimentação (30). Em consequência, a produção começou a cair após os primeiros cinco anos, embora continuasse figurando como o mais importante dos excedentes comerciáveis entre os três grupos.

O início da pecuária verificou-se, em 1943, no território Galibí (“Ilha Kumaruman”), com um criatório de 30 bovinos. Basicamente teria a finalidade de fornecer leite e carne para escolares do mencionado grupo e, na medida da expansão do rebanho, também para os das demais unidades. Com êsse propósito novas aquisições de gado foram feitas de sorte que, três anos mais tarde, as estatísticas revelavam a existência de, aproximadamente, 300 cabeças. No entanto, dada a insuficiência de pastos naquela “ilha”, tendo em seguida ocorrido dois “invernos” prolongados com a completa submersão dos campos, o rebanho foi diminuindo de forma acentuada e, por volta de 1950, estava reduzido a 95 animais. De qualquer modo, até então o interêsse dos índios pelo leite ou pela carne não chegou a ser despertado, sendo que, segundo vários testemunhos, os mais velhos sentiam náuseas quando assistiam à matança de um boi e a carne era geralmente consumida apenas pelos empregados do S.P.I.

No campo da indústria alguns planos foram postos em prática pela administração. As experiências iniciais, ocorridas entre 1943 e 1944, relacionaram-se à esterilização do leite de vaca através de um processo rústico e conservação do peixe em salmoura, para venda no mercado do Oiapoque (31). Ambas, porém, foram abandonadas antes de atingirem o meio indígena, no primeiro caso por insuficiência de produção; e, no segundo, porque o artigo só alcançava aceitação no citado mercado quando faltava peixe fresco e por preço não superior ao do salgado, cujo processamento já era corriqueiro entre os índios. As tentativas posteriores, iniciadas por volta de 1948, consistiram no estabelecimento de uma oficina para confecção de móveis de cipó, de uma máquina para beneficiamento de arroz, de uma olaria e de uma serraria. Todavia, três anos após, de modo geral estavam paralisadas: a primeira porque, o profissional contratado para dirigi-la, fôra dispensado em vista da produção não ter rendido o suficiente para pagar seus proventos, e antes que os aprendizes índios houvessem alcançado a necessária prá-

tica para trabalhar sem orientação; a segunda em virtude da fraca produção do gênero, conforme tivemos ocasião de registrar anteriormente; e a terceira e a quarta, tanto pela carência de técnicos como pela precariedade de equipamento.

O entreposto comercial, a partir de quando foi fundado em 1943, passou a controlar quase totalmente a produção excedente dos três grupos, mediante a aplicação dos seguintes critérios: as mercadorias vendidas sofriam sobre o custo, além das despesas de transporte, um acréscimo de 5% para os eventuais estragos (Fernandes, 1943); os gêneros adquiridos dos índios, segundo nos informou o então Agente do Pôsto, eram pagos pelos preços vigorantes no mercado regional subtraídos de 10 a 15% para compensar as quebras ou deteriorações; e os saldos porventura obtidos pelos produtores eram entregues em moeda corrente, de acôrdo como eles estavam habituados a transacionar no meio regional. Os benefícios proporcionados pelo P.I.N a seus jurisdicionados tornaram-se significativos no que diz respeito às mercadorias vendidas, pois eram as mesmas importadas diretamente de Belém (Pará). Porém, quanto às produções indígenas, a interferência administrativa talvez só tenha proporcionado vantagens na parte relacionada à classificação, medição e pesagem. Por exemplo, um dos principais gêneros (farinha de mandioca) continuou na quase totalidade sendo transacionado com os comerciantes do Oiapoque que dominavam o abastecimento dos garimpos; e o outro que então surgia (pele de jacaré) era vendido aos proprietários das poucas embarcações que faziam a linha entre o Oiapoque e Belém, pois eles recusavam transportá-lo mediante pagamento de frete (Fernandes, 1944). De qualquer modo, a capacidade dos índios parece ter melhorado pois, mosquiteiros, espingardas, ferramentas e outros artigos importados que, no período anterior, não eram muitos os que possuíam, passaram a figurar comumente em suas contas correntes. No entanto, ao findar a década de 1940, essa capacidade deve ter sido reduzida, já que, através dos lucros do entre-

posto, passou a ocorrer “parte da assistência hospitalar, escolar e a inválidos e necessitados” (Fernandes, 1949).

A assistência sanitária começou sendo ministrada, desde a fundação do Pôsto, diretamente nas aldeias, inclusive para medicação de caráter preventivo. A partir de 1946, quando foi admitido um enfermeiro, parte da mesma passou a ocorrer na sede do citado estabelecimento. Em duas ocasiões, por iniciativas do inspetor do S.P.I. no Oiapoque, dentistas percorreram as aldeias atendendo numerosos casos. E em consequência dos resultados positivos alcançados durante os tratamentos (32), a influência exercida pelos pajés contra o uso de medicamentos, sobretudo entre os Palikúr e os Galibí, foi sendo gradativamente vencida.

A instrução escolar foi introduzida somente entre os Galibí e os Karipúna. Não foi estendida aos Palikúr, segundo fomos informados, porque a direção do Pôsto houve por bem não contrariar a maior parte dos velhos do grupo que consideravam tal coisa uma forma de escravidão. A fundação da primeira escola, ocorrida no âmbito dos Galibí, em 1945, provocou o reagrupamento dos índios que estavam cindidos desde o período anterior, dando ensejo a formação da hoje denominada “Vila Kumaruman”; a segunda, que foi estabelecida entre os Karipúna em 1948, no têsso habitado por Manuel Primo dos Santos e mais alguns parentes seus, deu margem ao surgimento da atual “Vila Santa Isabel” (antiga Barracão) (33). Em ambas as comunidades os pais enviaram espontaneamente os filhos às escolas, as quais por isso mesmo, tiveram frequências significativas desde quando fundadas, com uma média de 75 alunos, de 7 a 17 anos, distribuídos equilibradamente entre os sexos. Os roteiros de instrução foram baseados nos programas do Território do Amapá, até o 3º ano primário, incluindo o ensino de orações cristãs, hinos patrióticos e das festas cívicas nacionais. Foram ampliados através do aprendizado de costura à máquina para as meninas e do plantio de hortas para ambos os sexos. A fim de contornar as dificuldades originadas pela

diferença de língua, a administração admitiu como professora da primeira escola, uma descendente de Karipúna educada no Oiapoque, mas ainda falando o dialeto crioulo, que, no entanto, dentro de pouco tempo, foi substituída por uma antiga professora leiga da região. Para a segunda escola foi reconduzida a preceptora que aí havia lecionado no período anterior à criação do Pôsto.

A influência do S. P. I. no seio dos grupos, que começara a fazer-se sentir desde a criação da Delegacia, continuou ocorrendo nesta fase. O castigo do tronco ainda existente entre os Karipúna e os Galibí, cuja aplicação era feita pelos *capitães* aos que transgrediam certas normas internas (furtos, desordens, etc), foi substituído por determinação administrativa por outro mais leve, consistindo na execução de serviços de limpeza (faxina), mas tornado extensivo aos Palikúr. No entanto, embora sem fugir a alçada dos *capitães*, a punição, em sua nova forma, passou a ser ordenada na maioria das vezes diretamente pelo Agente do Pôsto ou através das Escolas. Outros problemas internos dos grupos, inclusive originados pelo xamanismo, também começaram a ser julgados em última instância pelo citado funcionário (34).

Tão logo se inicia a segunda fase administrativa (1951-1957), o nôvo encarregado do Pôsto teve de enfrentar duas situações negativas. Uma relativa à lotação do pessoal temporário, pois, em face ao baixo salário vigente, alguns servidores entre os quais uma das professoras e o enfermeiro pediram dispensa das funções que vinham ocupando (35). A outra motivada pela diminuição de recursos materiais uma vez que, havendo se intensificado os conflitos entre índios e seringueiros na região Sul do Pará, os serviços de atração foram considerados prioritários, passando para segundo plano os de natureza assistencial. No primeiro caso a direção do Pôsto, a fim de reter servidores, proporcionou ajuda a alguns na alimentação, possibilitou a outros casamentos com índias, ou, como ocorreu em determinada ocasião, admitiu o cônjuge de uma funcionária eficiente, embora êle não tivesse capa-

cidade para desempenhar o cargo respectivo. No segundo caso, dada a impossibilidade de ser obtido um aumento de renda através das indústrias que, como vimos, haviam paralisado prematuramente, a manutenção dos serviços passou a ser feita, basicamente, à conta do entreposto. Seu movimento, porém, estava diminuindo porque o jacaré, cujas peles continuavam sendo o principal gênero comerciável, deixara de ser encontrado nos rios e lagos com a antiga abundância, apesar de já estarem os índios utilizando não só arpões como espinhéis (36). Em consequência, os lucros sobre as mercadorias vendidas e a produção indígena foram majorados, chegando a atingir cerca de 20% mas, mesmo assim, tais serviços não puderam ser executados com o dinamismo observado na fase antecedente (37).

Outras iniciativas do Agente, no que diz respeito à economia, verificaram-se também mais em função das necessidades administrativas, sendo que, em torno delas, raros índios foram beneficiados. Por exemplo, com o objetivo de descentralizar o movimento do entreposto, o citado servidor resolveu dar oportunidade para o exercício do comércio, no âmbito dos respectivos grupos, a dois Palikúr e dois Galibí (38), tendo sido entregue a cada um certa quantidade de mercadorias para prestação de contas por meio de gêneros ou de dinheiro. A experiência, porém, não surtiu efeito positivo e cedo foi abandonada, porque, os elementos escolhidos, além de espoliarem àqueles com quem transacionavam, nunca satisfaziam integralmente seus compromissos com o Pôsto e, parte dos gêneros, desviavam para vender no Cassiporé ou no Oiapoque.

O criatório de gado, em face a insuficiência de pessoal no Pôsto, passou a ser dirigido por índios, permanecendo cada indivíduo pelo período de um ano, sem remuneração mas com direito à posse de uma cria em cada três (tirar gado de sorte). No entanto, considerando-se que os beneficiados nunca foram submetidos a um aprendizado prévio, de modo geral se mostraram deficientes. Apesar disso, a observação

de tal critério somente foi interrompida durante um ano, por ter sido contratado um vaqueiro *civilizado*, prosseguindo daí em diante sem solução de continuidade.

Uma outra maneira de conseguir melhoria de renda para os índios e para o Pôsto, foi tentada por volta de 1954 através da castanha de andiroba, para exportação em bruto até que pudesse ser adquirida uma máquina para extração do óleo. Nesse sentido a administração despertou o interesse de vários homens Palikúr e Galibí, na maioria solteiros, os quais, no entanto, tiveram de deslocar-se das aldeias, pois, só existem andirobais com densidade apreciável em tôrno da confluência do Uaçá com o Curipi. Em conseqüência passaram a enfrentar dificuldades quanto à alimentação, parte da qual adquiriam à conta da produção em curso. Esta circunstância e a baixa cotação do gênero tornaram ínfimos os resultados e, na safra seguinte, nenhum elemento quis empregar-se nessa atividade.

Na parte sanitária, o Agente desenvolveu uma campanha para abertura de poços de água potável, havendo obtido êxito entre os Galibí da Vila Kumaruman e os Karipúna da Vila Santa Isabel (39), isto é, nos locais onde existiam escolas, mas os Karipúna da Vila Espírito Santo, que constituem a maior concentração populacional do rio Curipi e a totalidade dos Palikúr não atenderam à sugestão do Agente e continuaram consumindo a água estagnada dos campos. O tratamento das enfermidades, por sua vez, com a saída do enfermeiro passou a ser feito pelo administrador, o qual, em face ao acúmulo de atribuições, diminuiu as visitas às aldeias. Acontece que, já estando acostumado ao uso de remédios, os índios se deslocavam constantemente para a Sede do Pôsto principalmente por ocasião dos surtos epidêmicos. E tendo em vista que os doentes vinham sempre acompanhados de familiares, não raro a pequena enfermaria e casas adjacentes ficavam superlotadas (40). Além disso, uma vez que os acompanhantes também se consideravam como hóspedes, não cooperando de forma nenhuma na própria alimentação, eram

desviados alguns empregados dos serviços normais do Pôsto para caçar e pescar. Ao mesmo tempo tinham de ser utilizados os gêneros adquiridos dos índios para fins comerciais (farinha, peixe salgado, etc.), a fim de atender a mesma finalidade.

No setor escolar os trabalhos não sofreram interrupção, havendo a freqüência nas duas escolas se mantido com médias idênticas às da fase anterior (75 alunos). Porém, na Escola Galibí, a eficiência do ensino diminuiu após a saída da professora leiga, pois a *função* passou a ser ocupada sucessivamente por elementos improvisados. Em consequência o aprendizado de costura continuou ocorrendo mas de modo precário e o de horticultura foi definitivamente encerrado.

O nôvo Agente, de igual modo como o anterior, continuou interferindo no seio dos grupos, tendo designado dois jovens *capitães* para agir de acôrdo com suas determinações, embora sem afastar os antigos chefes. Todavia, dentro de pouco tempo revogou tais nomeações, já que os designados, além de não haverem conseguido firmar-se no seio dos grupos, eram às vêzes os primeiros a transgredir as ordens que deviam fazer cumprir, inclusive quanto ao uso de bebidas alcoólicas.

A terceira fase (1958-1967) teve início sob os mesmos auspícios da anterior, pois as atenções da direção da 2ª Inspetoria do S.P.I. continuavam voltadas mais ainda para os problemas relacionados à atração dos índios hostís. No entanto, alguns planos de trabalho foram elaborados no sentido de ampliar o movimento referente à produção indígena, embora orientados mais para a obtenção de lucros, não só para cobrir as despesas dos respectivos Postos, como para emprêgo da forma julgada mais conveniente pela chefia da Inspetoria.

No Pôsto do Uaçá, já então dirigido por nôvo Agente, tais objetivos foram tentados através da olaria e da serraria aí estabelecidas e da ampliação do movimento comercial com

os índios. A primeira foi colocada desde logo em funcionamento com a participação de vários elementos Galibí e Palikúr como extratores de barro e nos transportes. Para não diminuir o ritmo da produção, o Agente contratou pescadores e caçadores regionais para garantir o abastecimento alimentar dos homens engajados no trabalho. Todavia, tal atividade pôde ser mantida apenas até quando perduraram as encomendas da Colônia Militar, onde várias construções estavam sendo levantadas, ou seja, durante cêrca de um ano (41). Quanto à serraria, a despeito de ter sido recondicionada, continuou com rendimento precário e, nas poucas vêzes em que funcionou, sua produção não foi suficiente para atender às próprias necessidades do Pôsto.

O movimento comercial também não pôde ser intensificado, pois, continuava decrescendo a produção de peles de jacaré e a farinha não alcançava ainda preços compensadores no mercado do Oiapoque (42). Por outro lado, tendo sido colocado em prática o critério anteriormente aludido relacionado à aplicação da renda indígena de forma indiscriminada, decorrido cêrca de um ano sob a nova orientação, isto é, em fins de 1958, foi extinto o entreposto por falta de mercadorias. Em consequência, os índios voltaram a realizar diretamente suas transações em ambas as margens do Oiapoque e no Cassiporé sem fiscalização do S.P.I. Ao mesmo tempo, alguns índios Galibí e Palikúr, a exemplo do que já ocorria entre os Karipúna, começaram a negociar no âmbito das respectivas comunidades, sobretudo a partir de 1964, quando a farinha começou a melhorar sensivelmente de cotação na Guiana Francesa, onde obras públicas de certo vulto estavam sendo iniciadas (43). Também por êste motivo elementos dos três grupos, na maioria solteiros, passaram a deslocar-se para Caiena a fim de trabalhar em serviços braçais ou em pescarias, retornando às vêzes com radiolas, maletas, espingardas, etc. (44).

Logo após a extinção do entreposto o antigo agente foi reconduzido à direção do P.I.N porém, não lhe foram libe-

radas verbas para a manutenção dos serviços (45). Em vista disso vislumbrou a possibilidade de obter recursos através de outras fontes oficiais e, assim sendo, possibilitou o alistamento eleitoral dos índios conforme pretendiam os políticos regionais (46). Uma seção foi então criada em 1960 na sede do citado estabelecimento, onde, no primeiro pleito havido que foi de âmbito nacional, o candidato apoiado pelo governo do Território teve votação unânime. Já no segundo, os dois candidatos que disputaram a deputação federal conseguiram dividir o eleitorado, havendo obtido maioria o favorecido pelos dois líderes Karipúna e não o indicado pelo Agente. Este porém, pôde fazer seu candidato vitorioso no terceiro pleito por ter angariado o apoio de um desses líderes. Acontece que, em qualquer das circunstâncias acima, as promessas de auxílio para as comunidades não se concretizaram, tendo havido apenas raras recompensas individuais. Em consequência, cerca de 50% dos eleitores, na maioria Galibí, não compareceram para votar na última eleição.

Em vista do exposto, no decorrer da gestão em aprêço, apenas situações de emergência puderam ser atendidas através do apurado na venda de algumas cabeças de gado autorizada pela Inspetoria Regional; ou com a renda de pequenas lavouras feitas mais com a participação de índios, como jornalheiros, do que com os braçais do P.I.N em face ao baixo rendimento de trabalho destes (47). A assistência sanitária continuou sendo ministrada em caráter prioritário, inclusive com a cooperação do setor médico da Colônia Militar. Porém, havendo diminuído, os índios obviamente voltaram a procurar mais freqüentemente os pajés para tratamento de enfermidades, sendo que, as queixas trazidas à administração quanto a falecimentos causados por "feitiçaria", tornaram-se mais numerosas do que nas duas fases anteriores. Em um dos acontecimentos, antes que o Agente pudesse intervir, um pajé Palikúr foi assassinado pelo fato de ter sido acusado por um rival como autor da morte de uma menina que contraíra sarampo (48).

Os estabelecimentos de ensino existentes entre os Galibí e Karipúna, por sua vez, por falta de profissionais do S.P.I., desde 1964 passaram a funcionar com professores do Território. Porém, quase sempre jovens inexperientes, os quais vinham sendo substituídos por outros no fim de cada período letivo. Uma escola que foi instalada pelo S.P.I. junto a um grupo-local Palikúr em caráter experimental cedo cessou as atividades por ter sido a auxiliar de ensino transferida para outro setor.

Ao mesmo tempo, porém, que declinava a ação do S.P.I. uma outra entidade governamental, como seja, a Colônia Militar de Fronteira, começa a exercer influência sobre os índios do Uacá através da fazenda de búfalos anteriormente referida, instalada na área dos Galibí ("Ilha" Suraimon). Inicialmente, os índios manifestaram-se contrários a mesma, sobretudo pelo receio de que êsses animais destruíssem suas plantações, mas, aos poucos foram se conformando com a nova situação e procurando abrir roçados em lugares distantes daquela "ilha". A direção da Fazenda, por sua vez, passou a engajar índios para os serviços de limpeza do rio, durante a fase da seca, mediante pagamento de salário. Alguns dêles começaram também a executar serviços braçais caçadas e pescarias para militares em troca de roupas, outras utilidades e de dinheiro. De igual modo, como no passado, alguns pais por motivos econômicos possibilitaram acasalamientos temporários das filhas com soldados, tendo um dos casos redundado em casamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do que acaba de ser exposto pode-se dizer que, as programações de natureza econômica realizada pelo S.P.I. no Uacá, careceram de melhores estudos sobre o ambiente, peculiaridades tribais e condições de mercado, bem como de mais recursos materiais e humanos tanto em qualidade quanto em quantidade. Em alguns aspectos foram idealí-

zadas mais para atender às necessidades administrativas do que para beneficiar os índios.

Na lavoura a iniciativa tomada pelo Agente no sentido de fazer os índios ampliar os roçados de uma espécie tradicional, como seja, da mandioca-brava, atingiu seu objetivo. Todavia, as experiências realizadas para introdução do cultivo do arroz, como vimos, tiveram de ser abandonadas por falta de meios para combater a ação dos ratos silvestres e, obviamente, o interesse pelo gênero não pôde ser despertado no âmbito tribal. A pesca do jacaré, tendo sido praticada de forma irracional por falta de melhor orientação ou controle, hoje é de importância mínima para os grupos já que a espécie encontra-se quase extinta. A tentativa de obter uma nova fonte de renda mediante a exploração da castanha de andiroba também fracassou porque, além das dificuldades de ordem alimentar havidas para os coletores, a baixa cotação do produto não os estimulou para uma segunda experiência. Dentre os elementos enviados para aquisição de conhecimentos técnicos relacionados à pesca e à agricultura, apenas um conseguiu utilizá-los, mas fora do S.P.I. E quanto a participação indígena na criação de bovinos ocorrem problemas para a administração, pois, muitos desejam ao mesmo tempo receber tal benefício, o qual, no entanto, dado o reduzido número de cabeças, a apenas doze das duzentas famílias existentes, nas três comunidades, pôde ser até agora estendido (49). Assim sendo, de igual modo como nos dias de Coudreau (1893 : 337), o excedente econômico mais importante para os grupos do Uaçá continua sendo a farinha de mandioca, mas os implementos utilizados em seu processamento são os mesmos que existiam antes da fundação do P.I.N. Acontece que, qualquer iniciativa no sentido de ser conseguida uma melhoria substancial da produção de farinha, não só através da ampliação dos roçados como proporcionando aos índios um equipamento mais eficiente para sua elaboração, somente poderia apresentar resultados positivos se fossem encontrados outros centros consumidores

para onde o frete fôsse de baixo custo. Isto porque, embora sejam pequenos os excedentes de cada família, globalmente não raro costumam superar as necessidades normais do mercado regional onde praticamente são os únicos fornecedores. Conforme apreciamos, a procura do gênero em época anterior somente se intensificou durante as explorações auríferas; e agora devido ao surto de obras públicas que ocorre na Guiana Francesa.

As indústrias e o entreposto, que foram estabelecidos principalmente para tornar o P.I.N auto-suficiente, também não atingiram os fins almejados: a do arroz e do leite esterilizado (50) por deficiência de produção; a do peixe em salmoura por falta de consumidores nas duas margens do Oiapoque; e as de móveis de cipó, olaria e serralha por falta de mão-de-obra especializada ou precariedade do equipamento. As duas últimas, aliás, excluindo as deficiências apontadas, de igual modo como a da farinha, só poderiam proporcionar lucros razoáveis, caso fôsem encontradas condições favoráveis para exportar as produções, pois os dois maiores centros consumidores da região (Clevelândia e Cidade do Oiapoque) já possuem indústrias semelhantes. O entreposto, além de não haver conseguido anular completamente a influência do comércio regional, ia aumentando os percentuais de lucro sobre o movimento na medida da diminuição de verbas assistenciais. Assim sendo, caso não fôsse extinto, hoje estaria possivelmente desempenhando um papel altamente espoliativo contra os índios já que o P.I.N não está recebendo auxílio de qualquer natureza.

As programações assistenciais, ao contrário daquelas de natureza econômica, puderam ser *executadas* com relativa eficiência até quando os recursos permitiram. Por exemplo, desde quando começou a funcionar o setor sanitário, as populações Galibí e Karipúna passaram a apresentar sucessivos acréscimos, havendo quase duplicado no espaço de 25 anos e a Palikúr manteve-se pelo menos estacionária. Embora ultimamente, talvez pelo fato da assistência ter decli-

nado, os pajés estejam sendo mais procurados que nas duas fases precedentes, os índios sempre que podem recorrem ao tratamento médico e entre os Karipúna muitos já compram remédios. No que respeita ao ensino escolar, os dois estabelecimentos existentes entre os Karipúna e Galibí, a despeito da queda gradativa de eficiência, funcionaram ininterruptamente durante cêrca de 20 anos com alto índice de freqüência, representando, aproximadamente, a quarta parte das respectivas populações. Em conseqüência, um número significativo de indivíduos, além de outros ensinamentos, teve oportunidade de aprender o idioma português, que hoje falam razoavelmente, embora perdue entre ambos os grupos o dialeto crioulo como língua usual. Acontece que, a utilização na leitura ou na escrita daquêle idioma, geralmente só ocorre periódicamente por parte dos raros elementos que exercem o comércio, sendo que, a maioria dos que se tornaram eleitores, após terminado o ciclo escolar foram ter oportunidade de escrever pela primeira vez quando requereram a inscrição. O aprendizado complementar relacionado ao plantio de hortaliças e legumes nunca foi aproveitado no âmbito tribal; e o da costura, a grande maioria não pôde utilizar pela falta de meios para aquisição de máquinas (51). Já entre os Palikúr, que foram menos influenciados por culturas alienígenas e tiveram escolas de duração efêmera, cujo ensino restringiu-se à alfabetização, perdura o dialeto tradicional, o crioulo é falado apenas por parte dos homens e compreendido por raras mulheres, sendo poucos os elementos que sabem expressar-se em português.

A ação paternalista do S.P.I. acarretou o desprestígio dos antigos chefes, mas não conseguiu fazer prevalecer os novos designados. Após um daquêles haver-se mudado por tal motivo para o lado francês e falecido os demais, ainda não surgiram outros no seio dos grupos, sendo que, estão assumindo as posições de liderança, os elementos que desfrutam de melhores condições econômicas. Ao contrário do que registrou Nimuendaju (1926 : 17), já podem ser consi-

deradas como boas as relações entre brasileiros e índios, não sofrendo mais estes como antigamente a pressão dos agentes fiscais. Por outro lado, graças a experiência adquirida no decorrer de suas transações com o P.I.N, os índios não se deixam mais enganar facilmente pelos comerciantes. E embora muitos continuem preferindo negociar com os crioulos, pelo que apuramos a atitude parece não ser tanto em função de uma amizade tradicional, mas pela liberdade que têm no lado francês para aplicar sua renda do modo julgado mais conveniente. A ojeriza pelo serviço militar, que ocorria generalizadamente por ocasião da viagem de Reis (1936), pelo menos entre os Karipúna está desaparecendo, pois três elementos dessa origem já servem o exército tendo um atingido a posição de graduado. Outros jovens manifestam também desejo de seguir tal carreira, sobretudo por estarem a par dos bons proventos que a mesma proporciona. De igual forma, como ocorre em grande parte do ambiente rural brasileiro, os índios eleitores na quase totalidade conservam-se alheios à política partidária e votaram como vimos segundo os interesses dos líderes locais. Mas, influenciados por promessas eleitoreiras já consideram o exercício do voto como possível meio de obter recompensas individuais.

Quanto à situação atual da cultura e organização social podemos fazer o seguinte resumo: entre os três grupos continuam predominando as casas no estilo tradicional, mas nas Vilas Santa Isabel (Karipúna) e Kumaruman (Galibí) já existem algumas habitações com paredes de tábuas e cobertura de cavaco, imitando o estilo introduzido pelo S.P.I.; e a pertencente ao líder Manuel Primo dos Santos possui dois pavimentos e cobertura ne telhas. O uso de mosquiteiros de pano é generalizado, porém a dormida continua sendo em esteiras de junco, salvo entre alguns Karipúna que já dormem em rédes adquiridas no comércio. Não mais ocorre o uso da tanga denominada *calimbé* e a mutilação dentária está sendo abandonada. A arte plumária ainda perdura. As técnicas relacionadas ao trançado, confecção

de canoas e cerâmica (entre os Palikúr), hoje são conhecidas apenas por uma minoria de indivíduos. Na pesca continuam empregando o complexo arco-flecha de modo mais acentuado que anzóis de aço; e embora as condições de ambiente não tenham possibilitado a difusão de rédes de malha, em face à ação contrária exercida pelo Pôsto hoje é muito rara a utilização do timbó. Na caça predomina o uso da espingarda tipo cartucheira. A subsistência continua baseada na horticultura, caça, pesca e coleta, porém o consumo do café e do açúcar já é comum entre a totalidade da população Karipúna e maioria da Galibí. Persiste o uso do fumo, do caxiri e de bebidas alcoólicas importadas, estas assim que podem burlar a vigilância do Pôsto. Os Palikúr continuam organizados em clãs exogâmicos patrilineares, mas as metades parecem não ser mais distinguidas (Arnaud, 1968 : 14); entre os Galibí estão desaparecendo as famílias extensas matrilocais; e entre os Karipúna ocorrem de modo geral as famílias elementares. O castigo do tronco agora é apenas uma recordação e a faxina introduzida pelo S.P.I. pode-se considerar como institucionalizada. O cerimonial *festa do turé* continua sendo realizado, mas já ocorrem com frequência as danças à moda *civilizada* . O xamanismo mostra-se ainda bastante ativo. E a influência da religião católica observa-se no batismo, casamento, compadrio, festividades e cerimonial fúnebre.

De qualquer modo, os grupos em questão favorecidos provavelmente pela fraca densidade da população regional, puderam até o presente conservar uma relativa autonomia e a posse das terras onde desde vários séculos seus antepassados vieram refugir-se, cujos limites sabem bem definir. A despeito das modificações sofridas no contexto sócio-cultural ocasionadas por contatos externos, da perda da língua original como no caso dos Galibí e Karipúna e da ação exercida pelo S.P.I., excetuando alguns elementos sofisticados, ainda manifestam de modo bem vivo sua identidade tribal. Expressões como “aquêlê brasileiro”, “aquêlê crioulo”,

“a raça Palikúr”, “nós Galibí”, “nós Karipúna”, são pronunciadas constantemente. E alguns Palikúr e Galibí da geração mais velha costumam de quando em vez nos “apelidar” de portugueses, pois, com relação a éstos, guardam os antigos ressentimentos.

No entanto, essa relativa autonomia e integridade territorial, poderão estar ameaçadas pelo rebanho de bubalinos anteriormente citado, uma vez que, na medida de sua expansão, outras terras terão de ser procuradas para abertura de roçados. É provável que de modo predominante prefiram os índios subir rumo às cabeceiras dos rios, como aliás, já se cogita entre os Galibí, indo então no futuro deparar com a estrada de rodagem que ora está sendo aberta entre o Oiapoque e o Cunani. Outros talvez queiram ir estabelecer-se à margem direita do baixo Oiapoque, onde algumas famílias dos três grupos desde algum tempo acham-se radicadas. Os Palikúr, tendo em vista velhas tendências de quando em vez manifestadas, pelo menos em parte poderão ir localizar-se definitivamente entre os grupos de igual identidade existentes no lado francês, com os quais mantêm constantes relações. Por outro lado, considerando-se o interesse que a pecuária começa a despertar, principalmente entre os Galibí e os Karipúna, além dos atuais criadores, haverá talvez novos elementos que prefiram permanecer a fim de integrar-se nessa ocupação, na medida das oportunidades que lhes forem oferecidas. A ocorrência das situações acima previstas, no todo ou em parte, estará naturalmente condicionada ao volume que o rebanho chegue a atingir e a medidas que porventura venham a ser tomadas pelos poderes oficiais.

NOTAS

- (1) — Cf. Gillin, 1949: 802-3 e Meggers-Evans, 1957: 580-81.
- (2) — Cf. Nimuendaju, 1926: 112-13.
- (3) — Segundo ainda a memória tribal, o primeiro desses combates ocorrido no rio Curipi foi de resultado duvidoso. Porém, no segundo, que se verificou no monte Tipok, situado entre o Uaçá e o Urucauá, os Galibí foram batidos de forma definitiva.

- (4) — Cf. Lins, 1965 : 228-29-38.
- (5) — A expressão *crioulo* é utilizada tanto para designar a população negra como o *patois* falado na Guiana Francesa.
- (6) — Tendo em vista a preponderância dos franceses no Oiapoque, o Dr. Egidio Leão de Salles, Diretor da Secretaria do Estado do Pará, no projeto relacionado ao "Ex-Contestado", emitiu entre outras as seguintes considerações: "Este rio hoje fronteira do Brasil é habitado quasi que exclusivamente por francezes acostumados ao regimen de Cayenna. A lingua que falam o seo commercio, os seos habitantes, tudo é francez, e por isso entendemos que sendo delicada a função de adaptal-os ao regimen das leis brasileiras, deverá ter administradores inteligentes, energicos e conciliadores afim de evitar atrictos provenientes do exercicio de suas funções, as quaes poderão degenerar em questões internacionaes." Cf. Reis, 1949:171.
- (7) — Além do citado elemento um outro líder (Henrique dos Santos) se evidencia entre os Karipúna. Ambos atingiram tal situação através do exercicio do comércio no âmbito da comunidade. Conforme apreciaremos a seguir, não existem nos dias atuais chefes entre os grupos em apreciação, seja de acôrdo com a tradiçã_o ou designados pelo S.P.I.
- (8) — "Ilhas" flutuantes cobertas de capim, mururé,, aninga, etc.
- (9) — "Takari" é expressão crioula mas usada não só pelos índios como pelos caboclos brasileiros.
- (10) — Nimuendaju (1926 : 21) registra que, atendendo um pedido seu, o Dr. Dyonisio Bentes, então Governador do Pará, concedeu aos índios Palikúr uma área de 25 000 hectares no rio Urucauá. Todavia, nos registros da 2.^a Inspeç_oria Regional do S.P.I. não encontramos nenhuma referència a respeito.
- (11) — Cf. o mapa anexo e o Anuário Estatístico do Amapá (1967 : 8).
- (12) — A população indígena do Uaçá aumentou significativamente nos últimos 40 anos haja vista os seguintes dados: Palikúr — 189, Galibí — 160, Karipúna — 150, total — 499 (Nimuendaju, 1926 : 22-114-125). Palikúr — 151 e mais 20 famílias ausentes, Galibí — 187, Karipúna — 200, total — 588, menos as famílias Palikúr ausentes (Reis, 1936). Palikúr — 273, Galibí — 247, Karipúna — 262, total — 782 (Fernandes, 1943). Os levantamentos mencionados no texto efetuamos em 1965.
- (13) — Afora essas populações, habitam entre o médio e o baixo Oiapoque (lado brasileiro) dois grupos locais Karipúna com 25 e 17 pessoas, um Palikúr com 14 e um Galibí com 25 (dados também relativos a 1965).
- (14) — O citado Pôsto foi instalado em local onde são más as condições de habitabilidade sobretudo por não existir água potável na fase do estio. Todavia, segundo Fernandes (1943), foi escolhido por ser o único que possibilita fiscalizar ao mesmo tempo as três unidades tribais.
- (15) — Os registros acima referem-se ao ano de 1964 e foram extraídos do Anuário Estatístico do Amapá (1967 : 34-36). Porém, no total é provável que esteja incluída pelo menos parte da população indígena, pois, segundo nos informou um funcionário do S.P.I. no último recenseamento efetuado pelo I.B.G.E. seus agentes estive-

ARNAUD, E. — OS ÍNDIOS DA REGIÃO DO UACA (OIAPOQUE)...

- ram na aldeia Galibí do baixo Oiapoque (Arnaud, 1966) e percorreram a bacia do Uaçá.
- (16) — Tais indicações podem não ser muito precisas já que não foram obtidas através de fontes oficiais.
- (17) — O S.P.I. surgiu em 1910 no âmbito do Ministério da Agricultura (Dec. 8.072 de 2 de Junho). Passou ao M. do Trabalho em 1930 (Dec. 19.433 de 26 de Novembro). Em 1934 foi jurisdicionado ao M. da Guerra (Dec. 24.700 de 12 de Julho). Retornou ao M. da Agricultura em 1939 (Dec. 1.736 de 3 de Novembro) aí permanecendo até sua recente extinção ocorrida em fins de 1967. Cf. BRASIL. Leis... *Índios*, 1947.
- (18) — De acordo com a legislação do S.P.I., os Inspectores Regionais, em lugares onde não existiam unidades do Órgão, podiam nomear para a função de Delegado pessoas estranhas, mas sem remuneração.
- (19) — Tal atitude, todavia, não era inédita, pois, segundo Nimuendaju (1926: 24), as autoridades brasileiras costumavam instituir e destituir *capitães* no Uaçá, "as vezes por interesses privados". E Fernandes (1948: 220), por sua vez, com referência à época anterior, escreve que "a intromissão das autoridades francesas na escolha dos chefes por intermédio de missionários católicos e às vezes de policiais, quebrou em muito, o princípio de autoridade e o respeito devido aos chefes."
- (20) — A despeito daquele "estado de educação" havia então entre os Palikúr um *major*, um *capitão*, um *tenente* e um *comissário de polícia* com patentes fornecidas pelo Delegado do S.P.I. e ostentando no peito a medalha de José Bonifácio. Cf. Reis, 1936.
- (21) — Conforme Guerra (1954: 299-300), entre 500 indivíduos que penetraram entre 1937 e 1938 no médio e alto Oiapoque, apenas "15% eram caboclos brasileiros." Em 1936, em um total de 230 homens que subiram o Cassiporé em 7 batelões, com exceção de 17 brasileiros, todos eram crioulos. (Reis, 1936).
- (22) — Alguns Galibí não quiseram trabalhar para um árabe porque êle desajava pagar uma diária de apenas 3\$000 (três mil reis). (Reis, 1936).
- (23) — Não conseguimos apurar se tal atitude poderia estar relacionada a um antigo comportamento tribal.
- (24) — A essa Ajudância ficou também subordinado o P.I.F. Luiz Horta situado no médio Oiapoque, hoje praticamente extinto, porque os índios Emerilon que estavam sob sua jurisdição, por falta de assistência passaram para o lado francês.
- (25) — Tendo em vista os objetivos acima, foram então enviados pelo S.P.I. para cursar escolas de pesca e agricultura no sul do país, no primeiro caso um jovem de cada grupo e no segundo um Galibí e um Karipúna.
- (26) — Entre 1942 e 1945 a lotação do P.I.N. do Uaçá era a seguinte: 1 encarregado — Cr\$ 450,00; 1 auxiliar de ensino — 250,00; 2 trabalhadores braçais — 200,00 cada (salários mensais). A partir de 1946, passou a ser assim constituída.: 1 Agente — 800,00; 1 enfermeiro — 600,00; 1 aux. de ensino — 400,00; 6 trabalhadores — 350,00; 4 aprendizes índios — 250,00. E em 1948 foi acrescida de mais um aux. de ensino e um feitor. Acontece que, em 1944, quando o salário mínimo no Território do Amapá era Cr\$ 195,00

- mensal, um braçal no Oiapoque, com direito à alimentação, vendia entre 15,00 e 25,00 por dia, ou seja, 370,00 e 625,00 por mês (Fernandes, 1944).
- (27) — O total da área plantada pelos índios, em 1943, foi estimada em 152 tarefas (38 hectares), ou seja, 1,5 tarefas (0,6 ha.) em média por família. Em 1949, a estimativa havia subido para 580 tarefas (145 ha.) ou 4 tarefas cada família (Fernandes, 1943-1949).
- (28) — O Galibí, aliás, não chegou a retornar ao Uaçá, havendo se radicado na região da E. Ferro de Bragança (Pará) mas sem exercer a profissão. O Karipúna, inicialmente trabalhou em garimpagem com crioulos, sendo que, somente após decorridos vários anos, pôde se empregar como tratorista da ICOMI, na Serra do Navio (Território do Amapá).
- (29) — Todavia, os índios nunca deixaram de fazer roçados, cujos trabalhos relacionados a brocagem, derrubada e plantio ocorrem pelo sistema de mutirão. Os dois primeiros são realizados pelos homens e o último por ambos os sexos. A colheita e o processamento da mandioca são comumente efetuados pelas mulheres.
- (30) — Não encontramos registros acêrca da produção de peles de jacaré no decorrer da fase administrativa em apreciação. Porém, segundo antigos servidores do P.I.N., os embarques mensais costumavam oscilar em torno de 1 500 unidades.
- (31) — As fórmulas para elaboração de ambos os produtos eram de autoria do Dr. Costa Homem, da Sociedade de Indústria Pecuária do Pará (Socipe). Foram encaminhadas ao Pôsto pela 2.^a Inspetoria Regional do S.P.I.
- (32) — Em 1943, durante vários surtos de gripes, foram registrados 2 324 atendimentos havendo ocorrido durante o ano apenas "18 falecimentos contra 34 nascimentos" (Fernandes, 1943).
- (33) — A primeira casa onde a escola funcionou foi construída às expensas do mencionado líder.
- (34) — Um caso de tal natureza foi, em resumo, assim narrado por Fernandes (1948 : 218-19) : Tendo falecido um chefe Palikúr, vários índios lhe foram pedir autorização para matar um pajé, que havia sido acusado pelo rival como autor da morte do chefe. Ele, então, usando de ardil, lhes declarou que aprovaria o ato desde que fôsse executado pelo denunciante mas "cantando", fumando e batendo com o maracá" Este, porém, passado alguns dias acabou por declarar que havia cometido um engano provocado por um espírito que quisera consigo brincar.
- (35) — Entre 1951 e 1953, os proventos do pessoal assalariado do P.I.N. do Uaçá eram os seguintes : 1) Auxiliar do sertão (encarregado do Pôsto) — Cr\$ 1.000,00; 2) Aux. ensino — 800,00; 3) enfermeiro — 1.000,00; 4) capataz — 600,00; 5) motorista — 1.000,00; 6) trabalhador — 400,00; 7) aprendiz — 250,00. Entre 1954 e 1956 apresentavam êstes índices : 1) — 1.400,00; 2) — 1.100,00; 3) — 1.000,00; 4) — 900,00; 5) — 1.200,00; 6) — 600,00; 7) — 350,00. Como poderá ser verificado, a remuneração do feitor e dos braçais, em 1954, já era inferior ao salário mínimo regional então estipulado em Cr\$ 990,00. Em 1956, considerando-se que aquêles ordenados não haviam sido aumentados e o salário mínimo havia passado para Cr\$ 2.800,00, o encarregado do Pôsto

ARNAUD, E. — OS ÍNDIOS DA REGIÃO DO UAÇÁ (OIAPOQUE)...

- precisava trabalhar dois meses para ganhar a importância acima e os braçais quase cinco. Tal situação, que não ocorreu apenas com o P.I.N. do Uaçá mas em todo o S.P.I., só foi corrigida em meados de 1957, quando os servidores em questão passaram a ser pagos na base dos salários mínimos regionais sem distinção de cargo, até quando foram efetivados em fins de 1958.
- (36) — No período compreendido de 1952 a 1955, foram negociadas através do P.I.N. do Uaçá 10 946 peles de jacaré, ou seja, uma produção inferior a de um ano na fase administrativa antecedente.
- (37) — Como trabalho de maior vulto executado, à conta da produção indígena, pelo então Agente do Pôsto, Djalma Limeira Sfair, há a mencionar a construção de uma grande casa de madeira de lei com cobertura de telhas de barro, bastante elaborada, para funcionamento da Escola Karipúna, Cf. BRASIL, Serviço de Proteção aos Índios, 1955, viii.
- (38) — Um dos índios acima (um Galibí) era analfabeto, mas sua mulher havia freqüentado a escola do Pôsto.
- (39) — Presentemente existem 12 poços na Vila Kumaruman e 3 na Vila Santa Isabel.
- (40) — Segundo fomos informados, de uma feita foram conferidos oitenta e tantos indivíduos.
- (41) — Não encontramos registros nem obtivemos informações positivas a respeito do salário que era pago aos índios pela execução do citado serviço.
- (42) — Em fins de 1957 o preço de um quilo de farinha no Oiapoque era Cr\$ 5,00.
- (43) — Entre 1964 e 1967 o preço do mencionado gênero aumentou de Cr\$ 160 para 600 (cruzeiros antigos).
- (44) — Conforme nos informaram, em 1966, a diária de um braçal em Caiena variava em tórno de 1 000 francos antigos (cêrca de Cr\$ 6.000).
- (45) — Após 1960, pela verba orçamentária do S.P.I. recebeu o P.I.N. do Uaçá apenas a importância de Cr\$ 1.000.000,00, no ano de 1963, para aplicação em construções e no criatório do gado.
- (46) — Cêrca de 100 índios foram alistados, sendo 2/3 Karipúna e 1/3 Galibí e apenas um indivíduo Palikúr.
- (47) — Os braçais do S.P.I. já estão idosos para tal tipo de trabalho, pois, suas idades variam entre 50 e 70 anos.
- (48) — A direção do P.I.N. a fim de evitar um conflito interno, realizou a captura dos matadores, pois, os parentes da vítima, apoiados por grande maioria pretendiam ir ao encaço dos matadores, os quais haviam se refugiado na mata. Todavia, o pajé que provocou o assassinato e mais três companheiros conseguiram fugir da embarcação que os conduzia para Belém, passando a habitar no lado francês.
- (49) — De qualquer modo, das 140 cabeças de gado vacum existentes no Uaçá, cêrca de 90 já pertencem a índios. Dentre das famílias beneficiadas, no entanto, apenas duas de origem Karipúna estão fazendo progredir os rebanhos, sendo que uma possui 40 rezes e a outra 20. Acontece que, o maior dos criadores com cêrca de 70

- cabeças é o líder Manuel Primo dos Santos, o qual não recebeu nenhum auxílio do S.P.I.
- (50) — Segundo dados existentes no arquivo da 2.^a Inspetoria Regional do S.P.I. a produção de leite esterilizado, em 1944, atingiu apenas 100 garrafas; e a de arroz beneficiado, em 1950, 840 quilos. Esses números referem-se aos anos em que tais indústrias deixaram de funcionar.
- (51) — No entanto, após haver sido suprimido o ensino de costura, vários elementos Karipúna e Galibí, passaram a adquirir máquinas de pedal, sobretudo a partir de 1964 quando a farinha começou a aumentar de preço. O Agente Djalma Limeira Sfair nos declarou que cerca de 40 unidades existem no âmbito dos dois grupos, na maioria pertencentes a Karipúna.

SUMMARY

The present study focuses the action of the Brazilian Government upon the indians Pallkúr, Galibí and Karipúna, located at present in the region Uaçá River (Oiapoque Municipality) of the Territory of Amapá, Brazil.

The source of the mentioned groups, their relations with outside world and a outline of their sociocultural contexts are given in introduction. The work is subsequently divided into two parts: The territory and the actual population; the official protection.

In conclusion is appreciated the possible effects and consequences that the presence and extension of the Buffalo farm initiates by the Military Colony of the Oiapoque may bring to the Uaçá region, mainly in concerning the territorial integrity and autonomy of the aforementioned indians.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO AMAPÁ

1967 — Macapá. Ano 16, 150 p.

ARNAUD, EXPEDITO

 1966 — Os índios Galibí do rio Oiapoque. Tradição e mudança. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, n. sér. Antrop. 30, 52 p. il.

 1968 — Referências sobre o sistema de parentesco dos índios Palikúr. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, n. sér. Antrop. 36, 21 p. il.

AUDREV, J. BUTT

 1965 — The Guianas. *Bull. Int. Urgent Anthropol. Ethnol. Res.*, Wien, 7 : 69-90.

BRASIL. Leis, decretos, etc. Índios

 1947 — *Coletânea de leis, atos e memoriais referentes ao indígena brasileiro*, comp. Humberto de Oliveira. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 209 p. (Brasil. Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Anexo 7 : Assuntos Indígenas, Publ. 95).

BRASIL. SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

 1955 — *Relatório das atividades do Serviço de Proteção aos Índios durante o ano de 1954*. Mário F. Simões ed. Rio de Janeiro. viii, 207 p. il.

BRASIL - TRATADOS

 1899 — *Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. Second Mémoire présenté par les Etats Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse*. Berne Imp. Staepeli. 6 v. anexo, facs., mapas.

COUDREAU, HENRI A.

 1886/1887 — *La France Equinoxiale*. Paris, Challamel Ainé. 2 v. 495 p. il.

 1893 — *Chez nos indiens*. Paris, Hachette, 614 p. il. mapas.

FERNANDES, EURICO

 1943 — "Relatório apresentado à Diretoria do Serviço de Proteção aos Índios e Chefe da 2.^a Inspeção Regional". Belém, Arquivo da 2.^a Inspeção Regional do S.P.I. [Inédito].

 1944 — "Relatório à Chefia da 2.^a Inspeção Regional". Belém, Arquivo da 2.^a Inspeção Regional do S.P.I. [Inédito].

 1948 — *Contribuição ao estudo etnográfico do grupo Aruak*. Sobre-tiro de Acta Amer., México, 6 (3-4) : 200-221).

 1949 — "Relatório do Diretor do Serviço de Proteção aos Índios". Belém, Arquivo da 2.^a Inspeção Regional do S.P.I. [Inédito].

GILLIN, JOHN

- 1948 — "Tribes of the Guianas". In: Handbook of South American Indians, v. 3. *Bull. Bur. Amer. Ethnol.*, Washington, 143, p. 799-860, il.

GUERRA, ANTÔNIO TEIXEIRA

- 1954 — Estudo geográfico do Território do Amapá. Rio, IBGE, 366 p. il. est. mapa. (Sér. A: Livros, Publ., 10).

LINS, ALVARO

- 1965 — *Rio Branco (O Barão do Rio Branco)*. 2.^a ed. São Paulo, Ed. Nacional, 536 p. (Brasiliana, 325).

MEGGERS, BETTY J. & EVANS, CLIFFORD

- 1957 — Archeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bull. Bur. Amer. Ethnol.* Smithsonian Institution, Washington, 167, 664 p. il. mapas.

NIMUENDAJU, CURT

- 1926 — Die Palikur Indianer und ihre Nachbarne. *Kungl. Vetenskaps — Och Vitterhets-Samnaelles Handlingar*, Goetborg, Fjaerde Foeljden 31(2), 144 p. il. mapa.

REIS, ARTHUR CEZAR FERREIRA

- 1949 — *Território do Amapá — Perfil histórico*. Rio de Janeiro, Dep. Imprensa Nacional, 182 p. il.

REIS, LUIZ THOMAZ

- 1936 — "Diário da inspeção da 2.^a turma do vale do rio Uaçá — Inspeção Especial de Fronteira do Ministério da Guerra". Belém, Arquivo da 2.^a Inspeção Regional do S.P.I. Arq. 1939.. [Inédito].

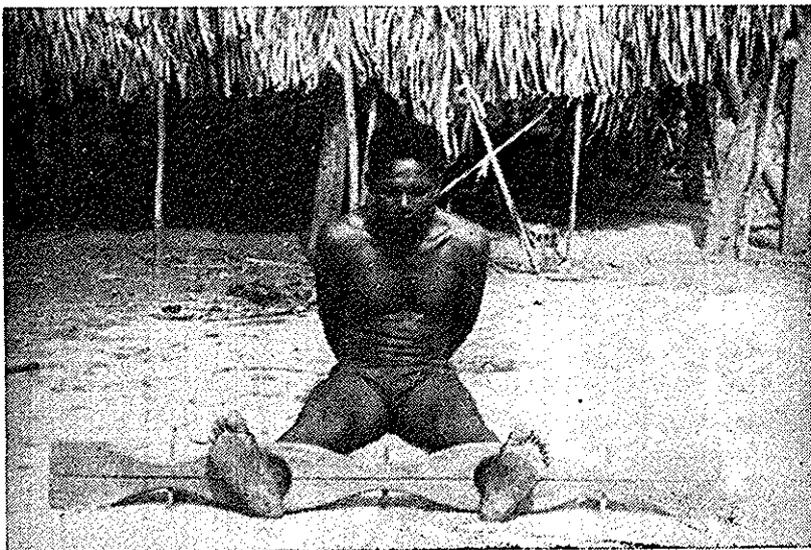
ESTAMPA 2



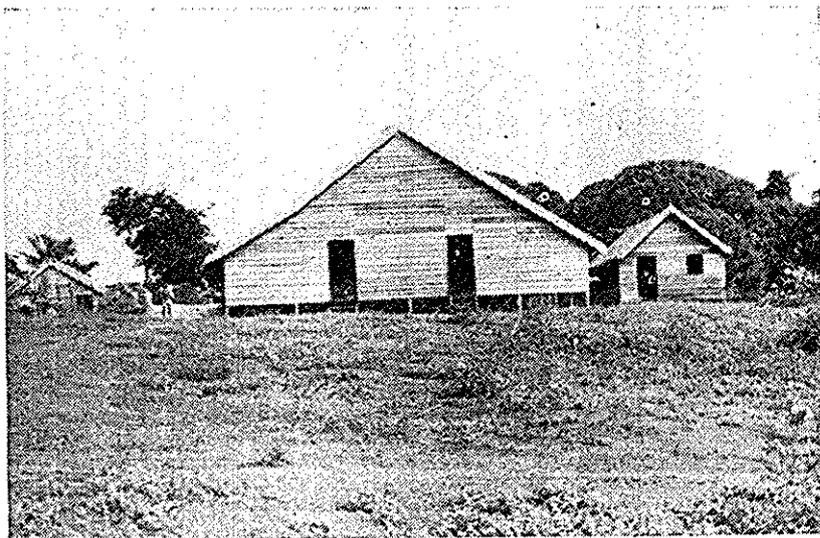
a) Alunos da Escola Galibí colhendo legumes sob a orientação da professora
(Foto E. Fernandes, 1948)



b) Alunos da Escola Karipúna no momento em que iam regressar às habitações
(Foto D. Sfair, 1953)



c) Demonstração do "castigo do tronco" entre os antigos Galibí do Uaçá (o tamanho da peça foi reduzido). (Foto E. Arnaud, 1965).



d) Vila Kumaruman (Galibí) : Casa da festa construída segundo o estilo introduzida pelo S.P.I. (Foto E. Arnaud, 1966).

ESTAMPA 4



e) Maloca Palikúr. (Foto E. Arnaud, 1966).



f) Vila Santa Isabel (Karipúna: em primeiro plano, a residência do líder Manuel Primo dos Santos. (Foto E. Arnaud, 1966).